

IMPOSSIVELMENTE

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v12i22p211-213>

Avani Souza Silva¹

Saíram os dois meninos, sempre juntos, para caçar passarinho, empinar quadrado, pegar bambu, pular em lagoa, e soltar o diabo que todo moleque carrega no bolso.

A mãe, costureira, com outros filhos menores para cuidar, era sempre aflita: diacho, onde se meteu Tinha? Nunca conheci ninguém com esse nome. Esses baianos dão nomes diferentes aos seus filhos: Dedeco, Dadal, Dadá, Dio, Dá... Tote, Toco, Tinha... Também, não adianta pôr nome bonito em filho, igual a Raoni, tem sempre um que já vai pondo outro nome mais fácil de pronunciar. Foi assim que Raoni virou Almí. E Anahí virou Nair. Assunta.

E saíram os dois filhos de uma égua, que é o nome que todo menino malino recebe da mãe quando chega em casa no fim de tarde todo esfolado, com a calça rasgada, com uma fieira de carazinhos para fritar, ou uma caça de passarinhos mortos amarrados uns nos outros. Naquele tempo menino comia passarinho. Tinha contratava a irmã para limpar os passarinhos. E prometia as coxinhas. A menina limpava com cuidado para não quebrar as perninhas dos bichinhos. Imaginava coxas de galinha...

E Tinha então saiu. Saiu mais Carê, que não era japonês, apenas tinha um nome esquisito. O tempo quando passa apodrece as coisas, Tinha disse filosófico, com pressa. Estavam vestidos de camisas largas, shorts com bolsos. Sumiram no mundo aí pra cima, na Rua Manoel Gaya.

Chegaram à casa da esquina, lá atrás do Parque Infantil, onde tem aquele muro branco, coroadado pelos galhos da jabuticabeira toda forradinha de jabuticabas. Os galhos pretinhos e brilhantes. As bichinhas redondidas, grandes, quietas, esperando o tempo passar. Deram uma olhada, e aí viram

¹ Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

na frente deles em direção à porta da rua. Marchava lenta, batendo os chinelos nos calcanhares: plec, plec. Eles atrás, querendo se sumirem para sempre no impossivelmente gosto da jabuticaba.

A mulher destrancou a obra e se curvou, fazendo um gesto com os braços, as mãos abertas apontando a saída. Eles passaram. Saíram e gritaram até não mais poderem:

— Carniça! Bruxa! Encrenqueira! Assombração! Miserável! Desgraçada! Mofina! Pão dura! Mão de vaca! Véia de uma figa! Enfia a jabuticaba no cu!

Na calçada em frente havia um monte de pedras de construção, eles pegaram um monte, soltaram o diabinho do bolso e começaram a arremessar pedras no telhado da mulher:

— Toma aqui uma jabuticaba gostosinha!

E largavam pedradas. O telhado estalava.

Até que a vizinhança chamou uma rádio patrulha e os capetas sumiram dentro de um terreno baldio que dava para a rua de trás

O tempo passa e apodrece as coisas...

Recebido em 12 de dezembro de 2019


Aprovado em 27 de agosto de 2020

Licença: 

Avani Souza Silva

Doutora em Letras pelo Programa em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Contato: avanissilva@yahoo.com.br

: <https://orcid.org/0000-0002-4761-7070>